Resumos do The Compass of Character, de David Corbet

Um dos conceitos fundamentais para se perceber como montar uma história de relevo e construir personagens adequados e com profundidade é admitir que o desejo, isto é, a vontade de uma personagem em perseguir uma ambição ou objetivo específico ao longo da trama, é o motor que guia a narrativa. Este desejo, tradução do *desire* definido por David Corbet, possui várias camadas que se vão cruzando umas nas outras, desenvolvendo assim um conjunto de quatro níveis de ânsia, do inglês *longing*, que são elas a falta de algo (*lack)*, a ânsia de ser ou de atingir um dado patamar na vida, ou seja, a necessidade profunda que explica o como e o porquê da personagem querer tanto atingir o seu desejo (*yearning)*, a resistência associada ao personagem, sendo este termo o resumo de todos os obstáculos, falhas, traumas, fraquezas, entre outros, que se contrapõem relativamente à vontade suprema do personagem em atingir uma dada finalidade, e finalmente, o desejo, já apresentado anteriormente.

No parágrafo anterior, foi apresentada uma subdivisão dos diferentes níveis de desejo e vontade de um personagem numa história, quer ela seja principal ou secundária. Apesar de já terem sido demonstradas algumas ligações entre os termos no mesmo, ao longo deste ser-lhe-ão dados um maior detalhe que, será igualmente ilustrado através de um esquema-resumo:

* A trama inicia-se com uma personagem (que, para efeitos de simplicidade e melhor compreensão, será generalizado para o caso do protagonista) que, primeiramente, vive num estado de *falta* de algo, mesmo que ela não se dê conta disso; esse estado, claramente de natureza depreciativa, faz com que o personagem não esteja a viver na sua plenitude e de acordo com as suas expectativas – claramente lhe *falta* mais significativo;
* Este estado de *falta* existe porque, *a priori* e no início da narrativa, existe uma *ânsia* (*yearning*) que está incompleta, pronta para ser cumprida pelo personagem e servindo como o seu sonho de vida, o seu “eu ideal e pleno”; esta ânsia pode ser interpretada como algo que existe para além do desejo e da vontade em responder e quebrar a *falta* – um conceito de nível superior – sendo assim algo mais além do que o atingir o seu sonho de vida ideal e o seu próprio eu ideal: um objetivo de topo que precisa de ser concretizado e que será alimentado ao longo de toda a trama, respondendo assim ao seu próprio destino;
* Por sua vez, este estado de *ânsia* não-satisfatória existe porque há uma força contrária às ambições e crenças do protagonista, que se coloca entre si e essa mesma *ânsia* – as chamadas *forças de resistência*. Estas podem ser de origem externa quando, como o próprio termo indica, a causa surge de uma fonte extrínseca à personagem (sendo o exemplo mais ordinário o aparecimento de um inimigo), ou de origem interna, enunciando problemas intrínsecos à personagem como impulsos de proteção, armadura ou falhas a nível emocional, o medo de falhar, entre outros; nesta conceção estão incluídas as fraquezas, traumas, limitações, oposições e falhas da personagem em questão; esta resistência criada leva a que a *ânsia* seja interpretada como algo estúpido, impossível, assustador, fútil, ou até mesmo como sendo algo “fora de questão” em ser alcançado;
* Estes três conceitos – *lack*, *yearning* e *resistance*, regra geral, são logo apresentados no início da narrativa, servindo como pano de fundo para a personagem. Entretanto, ocorre algum evento – um *conflito* ou uma *oportunidade* -, possibilitando o desejo de agir, isto é, influenciar o comportamento do protagonista com o intuito de o realizar.

Identificados estes pontos, pode-se asseverar que para completar uma narrativa convincente e tematicamente unificada, tanto a ânsia como o desejo – por outra palavras, ambos *yearning* e *desire* - , devem ser abordadas conjuntamente. Sendo a ânsia a razão por detrás do desejo, é deveras de ressalvar a importância destes dois serem trabalhados em simultâneo, visto se complementarem e o desejo, sendo o principal objetivo a longo prazo que deverá ser alcançado pela personagem aprofundado e dado um maior significado ao saber-se as motivações por detrás do mesmo que não o fazem desistir, para além da ânsia igualmente definir os *trade-offs* que poderão levar a que a personagem se torne mutável a nível de autoestima, status, significado e propósito.

Anteriormente, foram introduzidos quatro tópicos que, em conjunto, definem a aspiração de uma dada personagem (neste caso concreto, do protagonista) – são eles *lack*, *yearning*, *resistance* e *desire*. Tendo isto como suporte, de seguida será refeita uma reflexão sobre o protagonista do jogo desenvolvido aquando desta dissertação – o Aran.

Sobre o que lhe *falta* *(lack)* e, desta forma, dando uma resposta plausível ao primeiro conceito que foi apresentado – vontade de viver em geral e de obter prazer da sua vivência quotidiana, designada por anedonia, ou seja, a perda de interesse no mundo que o rodeia, mesmo nas atividades que anteriormente eram agradáveis para o sujeito; ora, esta referência ao estado melancólico e apático do protagonista vai de encontro ao seu estado mental, uma vez que ele sofre de depressão e a anedonia é um dos principais sintomas desta mesma condição.

Naturalmente, a sua *ânsia* é, e aproveitando o contexto de falta, a de experienciar uma vivência minimamente feliz e proveitosa, na qual ele encontre uma verdadeira razão para a sua existência – no momento atual da cronologia temporal da narrativa, Aran é um jovem adulto sem trabalho, dependente da sua família para a sua sobrevivência, à partida sem grandes sonhos nem paixões, um indivíduo bastante superficial em termos de vontades e personalidade a longo prazo. No entanto, é algo que ele não sente verdadeiramente e que ele quer mudar – sobretudo, o facto de constantemente depender de terceiros: ele procura economizar o mais possível os recursos económicos doados pelo seu irmão mais velho – ao não utilizar recorrentemente eletricidade, por exemplo, um bem que é fornecido a toda a população, através de uma quota mínima disponibilizada a todos que, na verdade, possui uma largura de banda bastante baixa e que facilmente é atingível; quando isso acontece, os sujeitos devem comprar novos pacotes de energia, sendo estes muito caros. Por isso, e para um determinado mês, Aran procura arranjar outras soluções para não ter de ultrapassar o limite do pacote de luz disponibilizado gratuitamente por cada indivíduo. Em contrapartida, o mesmo, com o seu talento para trabalhos manuais, é capaz de produzir os seus próprios fósforos e consegue ligar o lume da sua lareira usando as seringas descartáveis usadas como alimentação.

Continuando a elaborar acerca do *yearning,* e como já foi dito, Aran depende, ainda assim, de familiares, apesar dos seus esforços, nomeadamente, através de produtos artesanais que, por vezes, fia, sendo este um fator que ele gostaria de mudar definitivamente adotando uma profissão a tempo inteiro – tornar-se músico profissional de guitarra elétrica. Tocar guitarra é das poucas paixões que o mesmo experiencia, mesmo estando depressivo, pois faz-lhe lembrar o seu pai, de quem tem poucas memórias por este ter morrido quando ainda era muito novo; a guitarra pertencia-lhe. Autodidata num mundo onde as artes são consideradas uma “dispensa desnecessária de energia corporal”, a sua vontade nunca foi levada a sério pelos que o rodeiam – a mãe, que pouco remarcava na sua existência e que pouco o educou por culpabilizá-lo da morte do seu marido, resmungava que Aran iria “ter um destino trágico como o teu pai, que se ele não te tivesse induzido essa tua vontade em ti não lhe terias dado tantas dores de cabeça e ele ainda estaria aqui entre nós”. Ao longo da trama é possível aperceber-se de que esta necessidade de Aran ser independente e não depender de ninguém não se enquadra apenas a nível financeiro, mas engloba um patamar mais profundo – o de ser livre emocionalmente e não viver agarrado a ninguém. Este, e aproveitando a referência anterior de que *yearning* e *desire* devem estar hiper-relacionados, é o desejo do personagem e que será desenvolvido ao longo da narrativa.

Já foram referidos dois pontos que ajudam a afundar nas razões pelas quais o objetivo a longo prazo para a vida ideal do protagonista ainda não ter sido alcançado – a dependência financeira com o seu irmão, mesmo vendendo pequenos utensílios artesanais, e a não-aceitação da sua paixão por parte da sua mãe – o que, por si só, constituem *forças de resistência*. Seguidamente, serão enumeradas outras, elaborando desta forma cada uma das subcategorias – fraquezas, traumas, limitações, oposições e falhas morais:

* Fraquezas – em primeiro lugar, a sua estrutura física corporal raquítica – a sua magreza extrema aliada à massa muscular deficitária impossibilitavam-no de trabalhar em afazeres mais forçados e mecânicos, por isso era-lhe mais complicado arranjar um emprego e obter uma fonte de rendimento;
* Traumas – a perda do seu pai quando ainda era um bebé – tinha menos de dois anos de idade - , aliada à falta de carinho familiar, sobretudo por parte da sua mãe, para além do sentimento de culpa com o qual cresceu e que urge dentro dele por ter causado a morte a seu pai;
* Limitações – a sua baixa autoestima e falta amor próprio e de persistência para lutar pelos seus sonhos (ser independente e viver da música). A culpabilização constante pela morte do seu pai cultivou dentro do mesmo uma aversão a tudo o que há de bom no mundo, como se ele só fizesse mal às pessoas e fosse a razão de todos os maus agouros e tragédias que aconteciam, tal como, acredita ele, ocorreu a seu pai. A falta de apoio emocional por parte da família, aliada a uma personalidade caracterizada por um elevado grau de neuroticismo, isto é, muito guiada pelas emoções, que genericamente não o favoreciam, fez crescer dentro dele uma sensação de impotência perante o rumo e a importância da sua vida. Aran, na atuação temporal definida na trama, sente-se exageradamente ligado ao passado e aos pensamentos que o ligam a seu pai, sendo que, por variadas oportunidades, exprime a sua vontade de, se fosse possível, voltar atrás no tempo e de alguma forma evitar a sua morte, colocando-se no seu lugar, tal é o amor que sente pelo progenitor – ele teria um maior proveito estando vivo do que Aran, que é apenas um peso morto para todos.
* Oposições – nesta história, não há exatamente uma figura à qual se possa chamar de inimigo ou antagonista para poder obter algum tipo de oposição de teor maioritariamente externo; contudo, há o aparecimento de algumas personagens que irão colocar algumas adversidades no caminho do protagonista – uma do género feminino que contribuirá para o reforçar da sua dependência emocional para com outros e a sua incapacidade de os deixar partir, além de um homem que terá contribuído para o real desenvolvimento dos traumas de infância de Aran. Esta última anterior foi pouco desenvolvida para não revelar detalhes que iriam colmatar todo o interesse nesta história retratada. Além disso, pode-se considerar como oposição com características mais intrínsecas ao personagem – o próprio: um pouco ligado às suas limitações e a crença de que será para sempre um incapaz; também se poderá afunilar como oposição o clima ditatorial que se ressente, ao qual será dado um maior destaque no ponto a seguir.
* Falhas morais – como qualquer outro cidadão de Gaiapan, Aran, mesmo estando descontente, acredita que não há razão válida para estar nesse mesmo estado e que é sinal de fraqueza, de má índole, enfim, uma perda de tempo em pensamentos vagos. Essa é, por si só, uma grande falha a nível moral – aceitar o regime opressor comandado pelo Presidente Hirohito, no qual uma grande porção da sociedade leva uma vida precária, enquanto o regimento vai enriquecendo com o pretexto de pretender acumular rendimentos para reerguer a nação mundial, após a catástrofe de 2112. Ainda que o protagonista tenha um posicionamento desfavorável para com a governação – não compreendendo o porquê de exigir tantas lavouras quando verifica que todos continuam a ter condições pobres a medianas, já que a maioria dos seus ganhos é dada ao Estado, para além de não perceber medidas como a abolição da fecundação tradicional entre casais, através do ato sexual, além da obrigatoriedade de cada casal em idade laboral ter de, no mínimo, adicionar à família mais um filho; sob o pretexto das temperaturas serem adversas, Hirohito defende que é uma despenda de energia a satisfação carnal dos habitantes, desencorajando fortemente tais práticas, sobretudo com o intuito da reprodução – para isso, existe a fecundação artificial em centros hospitalares próprios para o efeito, espaços quentes a aconchegantes que estimulam o processo. No entanto, essas práticas sexuais, embora não recomendadas, são permitidas, desde que realizadas em espaços próprios (como casas de prostituição e bares) e que os mesmos paguem uma taxa (elevada) ao Senhor Presidente. Não sendo este pensamento oficial, Aran acredita que esta medida de abolição da fecundação tradicional esteja ligada à proibição da demonstração de emoções – mais uma vez, reforçando a ideia de que tais práticas despendem demasiada radiação/energia sem necessidade - , uma vez que para tais trajes é de deduzir uma maior cumplicidade e intimidade entre os conjugues; note-se, todavia, que quaisquer tipos de sentimentos e demonstração de emoções é proibida, não se cingindo ao amor entre o casal, o que para Aran é incompatível com a vida humana, tornando o ato de viver um peso sob as costas – ser apenas uma marioneta sob as ordens do Senhor Presidente, tendo apenas a sua mão-de-obra para oferecer ao mundo como objetivo. Outro aspeto incompreendido pelo protagonista é a subvalorização do lazer e da cultura – num país em que todas as ocupações têm de, no final de contas, servir para aumentar a riqueza da superpotência. Para terminar esta secção, é imprescindível ressalvar que, e mesmo estando contra o regime, Aran não faz e não tenciona dispõe de nada para o mudar – na verdade, sente-se inferiorizado e diferente por ter tais pensamentos – um indivíduo a reclamar do seu governante quando foi o mesmo que deu uma nova esperança à sobrevivência humana, reedificando a nação? Para adicionar e piorar tais pensamentos, Aran sente que não deva opinar sobre tais matérias, já que não trabalha.

De toda esta *resistance*, a que possui uma maior relevância e promove uma maior insuficiência na procura em atingir o seu estado de *yearning* consiste na existência dos seus traumas e no mergulho profundo na ideologia social e política – uma falha moral.

Nesta secção foram definidas, sucintamente, as quatro dimensões que, em conjunto, definem o *longing* da personagem.

Lack

É a perceção, consciente ou não, de que algo está ausente da vida da personagem; é como se fosse um instinto racional humano, tal como a fome e sede são para o corpo.

Este conceito é deveras retratado em diversas culturas e religiões, destacando entre as mesmas a do budismo, o confucianismo e a identificação do conceito de *the infinitude of the private man*:

* O budismo explica esta sensação de incompletude individualista como a não-presença de uma identidade ou alma nas pessoas que, tomando ou não consciência de que não ocorre mais nada para além da sua personalidade ou componente mais superficial, elas sofrem de um estado designado por *dukkha*, sofrimento causado pela ansiedade que suportam por se sentirem imperfeitos; assim, o ser humano refugia-se no mundano, isto é, na realidade física, desejando preencher esse vazio com desejos materialistas.

Esta forma de abordar o vazio interior é realmente interessante, destacando esta falta de verdadeira identidade que é inatingível ao Homem, o que acontece no caso do protagonista da narrativa, o Aran – ele sente-se profundamente incompleto e é como se uma força superior estivesse encarregue do seu destino, porque ele não tem alma para poder realmente tomar algum rumo à sua vida, tentando no que pode ser feliz e independente mas falhando miseravelmente, o que paralelamente pode ser interpretado com a visão defendida do budismo.

* O confucianismo, por sua vez, centra-se no conhecimento de que se é possível identificar as virtudes que definem a harmonia, então isso significa que a desarmonia também subsiste e que, na realidade, é o que mais comumente se encontra na vida quotidiana que é acompanhada de vícios. Elaborando novamente um paralelismo para com a personagem principal, verifica-se que, realmente, o mesmo vive num estado de desarmonia – sem trabalho fixo, sem família, sem rendimentos, sem uma boa saúde mental, para além de ser subjugado por um regime de esquerda, no qual é defendida a igualdade mínima dos habitantes em prol do empoderamento do governo. Ora, este estado que evidencia uma falta, distanciando-se do “eu perfeito” que, em última partida, é o que se pretende atingir com o *yearning*, provoca o aparecimento de uma dependência – o que, no caso de Aran, é o refúgio no álcool, mesmo que não seja amiúde por falta de verbas.
* Em último lugar, há o conceito de infinitude do homem privado, tradução inglesa de Ralph Waldo Emerson, no qual há a conceção de que toda a gente vive sob um estado empobrecido e enfraquecido que, todavia, enriquece a grande promessa de autotransformação, se o indivíduo olhar-se-á profundamente dentro de si mesmo em tempos de sofrimento e encontrar "o Deus interior". Ora, já foi revelado no passado que Aran vive sob uma sociedade empobrecida tanto literal como figurativamente, ou seja, em termos morais e de estado de espírito; esta visão da vontade vem acrescentar uma maior e melhor noção de que é preciso mudar e do que um dado desejo, que revela a existência de um estado de falta, seja cumprido, podendo atingir-se o *yearning*.

De forma sucinta, há duas maneiras de caracterizar o estado de insuficiência – a primeira foi expandida anteriormente, na qual o humano sente-se incompleto pois a sua vida é definida pelo chamamento do cumprimento do atingir de um sentido do próprio e estado do ser associado à ânsia, ou por outras palavras, é definida pela desarmonia e a vontade em associar-se a um uma alma, identidade ou verdade absolutas; sendo assim, a falta é criada por uma ânsia não-realizada; ou, em contrapartida, também existe a visão, adotada por visionários como o filósofo Martin Heidegger e o psicanalista Sigmund Freud, de que a falta é a causa de uma ânsia por conquistar, admitindo que é consequente da natureza humana este sentir-se confuso e incomodado por pensamentos intrínsecos de inadequação e dependência que começam na infância e pecam em existir e se propagam até à vida adulta – que, particularmente, também levam à ansiedade. Então, isto também ocorre, nomeadamente, com o protagonista Aran – na verdade, esta segunda ideologia enquadra-se melhor na descrição do mesmo: alguém que, sabendo das suas forças de resistência intrínsecas, como a ufania e amor-próprio deficientes, têm como consequência a perceção de que o seu “sonho de vida” ainda não fora ascendido, como a quebra destes pensamentos destrutivos e destas características da sua personalidade para tornar-se, em última instância, músico e independente.

Em algumas narrativas, a personagem ainda não tem bem a certeza do que lhe falta, e essa perceção apenas aparece ao longo do decorrer da história; ou então, pode percecionar que algo está deficitário no seu quotidiano mas não consegue exatamente elucidar-se sobre o que é e qual a sua causa efetiva, como se algo dentro de si estivesse a remoer e a causa-lhe stress mas não soubesse identificar as razões concretas para esse estado.

Outra estratégia que estas criaturas recriam para lidar com o sentimento de *lack* é o de viver num estado de negação, tendo aperfeiçoado o esquecimento do que está escasso na sua existência ao criar como que uma armadura mental contra as suas próprias dúvidas.

De facto, pode-se interpretar a reação de Aran para com o meio social no qual se insere uma mistura destas duas perceções anteriores de tentar lidar com a falta – no primeiro ato, e apesar de já ser visível que algo de anormal está a preocupar o protagonista, este mal carece de verdadeira substancialidade, de sentido, de concreto. Apenas é do conhecimento que o mesmo se encontra numa condição profunda de desolação, prostração e depressão, recorrendo nomeadamente ao álcool para tentar acalmá-la e reduzir a sua ansiedade iminente. Também é notório o sentimento de culpabilidade que ele transmite, ao pensar que voltou a cometer um erro e que, por isso, merece uma punição fatal – o suicídio. Todavia, e após a leitura desta passagem, é de ser referido que esta mentalidade do Aran não foi verdadeiramente explorada – não se sabe exatamente o porquê de ele se sentir cabisbaixo ao ponto de querer por término à sua vida; é possível especular a existência de algum trauma, como quando o mesmo refere que nunca foi amado pela sua família, e talvez o seu estado de certa negação e inconsciência da sua circunstância venha daí – mas só isso. Depois, também se pode aliar à perceção de esquecimento já referida no parágrafo anterior: também ligada às falhas morais que o Aran sofre (que consistem, sumariamente, na falta de tomada de posição para com uma sociedade pobre e oprimida por um regime teoricamente promissor), ele possui uma espécie de distração inflexível, onde o que é importante é considerado tão sem sentido ou fora de alcance que o personagem tenta ativamente apagá-lo da sua mente – ele não valoriza os seus pensamentos e opinião própria sobre o seu redor, tal como a população generalizada por ser como que uma perda de tempo e, fazendo um paralelismo para com a narrativa, ao ser uma “despesa de energia desnecessária”, tentando ocupar a mente com “coisas necessárias”. Ele também desvaloriza o seu bem-estar intrínseco ao, por exemplo, dar asas à estimulação de vícios, nomeadamente o consumo de álcool, apesar de isto ocorrer sobretudo para conseguir lidar com os seus traumas e pensamentos intrusivos.